

Novidades no Colegiado e na Coordenação

Neste semestre, novas pessoas assumiram a coordenação do FIEI e a função de representante dos estudantes. Confira depoimentos das professoras Maria Gorete Neto e Vanessa Tomaz, que assumiram a coordenação junto com Ana Gomes, e da estudante Miranda Xacriabá, representante dos alunos que está deixando o cargo.



Foto: Foca Lisboa / UFMG

Maria Gorete Neto: Bom, na verdade não existe uma mudança, eu, Vanessa e Ana Gomes já fazíamos parte do colegiado do FIEI. Quando a gente se encontra na Coordenação o que está sendo feito está em diálogo com as lideranças. Não acontece uma mudança radical, muito pelo contrário. Quando a gente toma qualquer decisão, ela é compartilhada com o colegiado. O colegiado é formado de coordenadores de cada habilitação e dos representantes dos estudantes. Uma das demandas é de organização curricular; os coordenadores de cada habilitação organizam os módulos e intermódulos com a participação dos estudantes. Além disso, trazer o conselho consultivo aqui, conversar na reitoria, conversar na direção: esse é o papel da coordenação fazer esse diálogo acontecer em prol do curso.



Miranda Xacriabá: Todas as situações que acontecem com cada um de nós, a gente procura tratar, dividir a preocupação com os outros, então, não encontrei dificuldade nenhuma em resolver certo tipo de situação que a gente já teve, porque foram situações de necessidades do grupo. E a gente, na condição de representante do grupo, também temos ajuda de nossos professores do FIEI, que são pessoas que temos muita consideração pelo trabalho deles. Toda vez que precisamos em situação difícil ou em situação de alegria, sempre foram pessoas que dividiram esses momentos com a gente.



Foto: Foca Lisboa / UFMG

Vanessa Tomaz: Uma das expectativas muito positiva é essa diversidade de povos aqui no curso FIEI, isso mostra que o trabalho da gente está tendo um alcance positivo. Por outro lado, cada vez que entra um povo novo, são novos desafios, porque temos que entender a dinâmica de vida e fazer novas relações com as próprias lideranças e com a comunidade, porque não é só abrir uma nova turma com novos povos, tem que se sentir integrado para conseguir dialogar com as demandas que eles trazem.

Por: Zilda Matos, Tary Pataxó e Saniwê Pataxó

MORADIA ESTUDANTIL AINDA É UMA QUESTÃO

Os estudantes indígenas da etnia Xakriabá de Minas Gerais vinham passando por situações de racismo e preconceito, além dos diversos fatores que ocasionou conflitos entre hóspedes indígenas e não indígenas bem como, os próprios funcionários do hotel Lspace que os recebia com tratamento desigual e às vezes até ofensivo, chegando ao ponto de escrever a palavra ÍNDIO nos seguintes objetos: lixeiras, vassouras, rodos e baldes. Por esta razão, na sexta-feira do dia 01 de maio de 2015, o grupo Xakriabá deixou o hotel.

Este problema acontece também com outros estudantes indígenas de outras etnias que precisam ficar em pousadas e hotéis durante esses trinta e cinco dias de estudo em Belo Horizonte. Esses lugares são impróprios, inseguros e, totalmente inadequados para atender as especificidades dos povos indígenas que como de costume praticam suas culturas e tradições sem nenhuma interferência e sem qualquer ato de discriminação.

Sobre esta questão da moradia estudantil, conversamos com a diretora da FAE Juliane Correa, que ressaltou diante do assunto: “Ano passado 2014, nós colocamos como meta todo o procedimento para discutir a questão da moradia estudantil e que foi bem recebido na reitoria. Tivemos que pensar e ver formas de agilizar terrenos, mas para isso, precisará de recursos”.

A professora conta que houve várias reuniões para discutir a obtenção de recursos, mas, na virada do ano houve mudanças econômicas no país que afetaram o andamento. “Estamos vivendo um momento crítico, inclusive até a nossa própria obra aqui na FAE parou.”

Juliane explica que, no momento estão buscando alternativas intermediárias e procurando metas de curto, médio e longo prazo. “Uma meta de médio prazo em relação a isso é ver se conseguimos um espaço dentro da universidade que possa servir de alojamento para esses períodos temporários”.

Ela afirma que precisam pensar em outras estratégias. Em função disso devem ir ao MEC para reivindicação. “Sabemos que este é um dos pontos centrais na questão do bom andamento do curso porque as pessoas estando bem acomodadas, isto vai repercutir no curso, no aprendizado, enfim, em tudo”, conclui.

Por: Emanilson (Wiry Pataxó)

Lutas e Movimentos

Lutamos para entrar na UFMG
E fazer parte da Universidade
Aqui as etnias estão reunidas
Lutando pela igualdade

Hoje estamos aqui
Nunca vamos deixar de lutar
Entramos nesta universidade
Nossos espaços queremos conquistar

As lutas e movimentos
É algo que nunca vai acabar
Pois temos nossos direitos
E por eles vamos lutar

Se hoje estamos aqui
É porque somos guerreiros
Conquistamos uma batalha
Luta de nós índios brasileiros

Maiane Xakriabá



Ôté omhá, Atxôhã, Mrmezé, Nhemombe'ú, Meang'gã



Mimãnm - Espaço de fortalecimento cultural dos estudantes indígenas na FAE

II SEMANA CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS NA UFMG

Evento organizado pelos alunos indígenas dos cursos permanentes, trouxe palestras com temas atuais como a Saúde indígena, Lugar de índio também é na UFMG e a PEC 215

MORADIA ESTUDANTIL

Atualmente as pousadas e hotéis são lugares impróprios, inseguros e totalmente inadequados para atender as especificidades dos povos indígenas

DEFESAS DOS TRABALHOS DE PERCURSOS-CVN- 2015

Estudantes indígenas dos povos Xakriabá-MG, Pataxó-BA e Pataxó-MG

Mai / 2015

Editorial

Nesta edição, o Jornal O Língua incorpora mais uma palavra a seu vocabulário: Meang'gã (língua), do povo Pankararu, que se junta às palavras utilizadas pelos povos Maxakali, Pataxó, Pataxó Hã Hã Hã, Xakriabá e Guarani no nome da publicação. O jornal ganhou espaço no FIEI e será produzido todo semestre, uma ferramenta importantíssima para dar voz aos alunos indígenas e professores do FIEI. Esta edição trará informações da II Semana dos Povos Indígenas na UFMG, organizada pelos alunos indígenas dos cursos permanentes, que trouxe para a Universidade palestras com temas atuais como a Saúde indígena, Lugar de índio também é na UFMG e PEC 215. Embora por falta de comunicação houve uma pequena participação dos alunos indígenas nas palestras, o que causou um grande mal-estar, pois alguns professores não liberaram as turmas para assistirem as palestras ministradas por indígenas.

Este módulo foi marcado por questões de preconceito contra os alunos indígenas, o que acabou repercutindo muito entre os alunos e docentes do FIEI, motivando denúncias na ouvidoria da universidade e a criação de um grupo para realizar uma campanha contra o preconceito, que vai gerar vários temas e ações nos diversos veículos de comunicação da universidade. Essas ações reforçam a discussão sobre a Moradia indígena, espaço reivindicado pelos estudantes e lideranças para melhor acomodação dos alunos.

Neste semestre, novas pessoas assumiram a coordenação do FIEI e a função de representante dos estudantes. Confira o que dizem as professoras Maria Gorete Neto e Vanessa Tomaz, que assumem a coordenação junto a Ana Gomes, e a estudante Miranda Xacriabá, representante dos alunos que está deixando o cargo. Durante a II Semana dos Povos Indígenas, conversamos com Eliseu Souza, aluno do curso regular de Biologia da UFMG. O jornal traz ainda entrevista com Alessandro Pataxó, que falou sobre o seu TCC.

O Jornal O Língua reforça neste editorial a importância deste veículo e de diversas outras formas de manifestação para garantir o respeito aos alunos indígenas da UFMG. Deixamos por fim o agradecimento a todas as pessoas da Universidade que demonstraram apoio aos indígenas na ocorrência desses conflitos.

Expediente

Editor: Emanilson Pataxó (Wyri)

Diagramação: Karkaju Pataxó

Reportagem: Zilda Pataxó, Leidiane Pataxó (Sirê Mayô), Vanderlei Guarani, Tary Pataxó e Saniwê Pataxó.

Fotografia: Vanderlei, Emanilson, Ibui Souza, Txihí Pataxó, Foca Lisboa/UFMG.

Jornal produzido por alunos indígenas do Curso de Formação Para Educadores Indígenas FIEI, durante o período de Abril/Maio de 2015, sob orientação do setor de jornalismo do Ceale.

II Semana dos Povos Indígenas na UFMG



Depoimento de Alessandro Pataxó sobre seu TCC

O meu percurso tem um título "A memória viva entre as interações dos povos parentes Maxakali e Pataxó", memória que aconteceu com nosso povo. Esse trabalho vai servir como uma fonte da nossa memória mesmo que a gente perdeu no passado, ou o que ficou adormecido, por exemplo, quando eu estive lá nos Maxakali, descobri um ritual nosso, e eu fiquei muito feliz porque eles guardaram por muito tempo esse ritual. Além do parentesco também temos a língua com o mesmo tronco linguístico, e quando cheguei lá eu encontrei 105 palavras escritas diferente, mas as palavras com o mesmo significado do nosso povo, as pronúncia era do mesmo jeito. O meu percurso é como se fosse uma fonte de revitalização diante da memória dos nossos anciões que eles deixaram pra nós como raiz. Assim como já vieram outras turmas, eu que já cheguei como novo, é uma experiência muito boa estar aqui, cada um aqui representa nossa comunidade, representando nosso povo. O recado que eu deixo a todos é que se esforce ao máximo, para retribuir com algo de importante para as nossas comunidades.

Por: Vanderlei da Silva



Aluno do curso regular

Durante a II Semana Cultural dos Povos Indígenas, conversamos com o aluno Eliseu Souza, aluno do curso regular de Biologia da UFMG. Confira a entrevista:

1- Quais desafios encontrados pelos alunos indígenas no curso regular na UFMG?

Os desafios são a distância da família, falta de companheirismo dos colegas de sala, dificuldade em acompanhar o ritmo deles por termos feito um ensino público péssimo e ficar longe de casa por muito tempo.

2- Quais são os pontos fortes e fracos no acolhimento dos alunos indígenas no curso regular na UFMG?

O ponto forte é que temos uma base, temos um grupo de professores pra nos ajudar no nosso desempenho, mas no dia da matrícula, somos tratados de forma igualitária. Sem nenhum privilégio. Não percebo nenhum ou ponto fraco ou não me lembro no momento. Até porque eu não gosto da ideia de sermos tratado como coitados ou outros privilégios.

3- Os alunos indígenas enfrentam preconceitos no curso regular na UFMG?

Os preconceitos vêm de várias formas. Até porque, não são todos alunos que se identificam como indígenas, até pra evitar esses preconceitos ou até mesmo por vergonha. Muitos desses preconceitos vem da falta de comunicação por parte de alguns alunos. Sabemos também que o preconceito existe e, muitas das vezes, ele não é explícito ou são feitos de forma de piadas.

4- Qual sua expectativa por estar prestes a se formar pela UFMG?

A expectativa é a melhor do mundo. Ansioso demais e feliz ao mesmo tempo. Tenho muitos projetos em mente para desenvolver na minha comunidade. Tudo que estudei todo esse tempo de graduação, me deu e vai me dá uma boa base pra tocar esses projetos à frente. Sou grato de mais por esta oportunidade e experiência de estudar em uma Universidade de grande nome internacional, principalmente meu curso, que é o melhor do Brasil.

Por: Leidiane da Silva Souza

